

O sinal da Cruz em um catecismo na língua geral da Amazônia [175-]

The sign of the Cross in a catechism
in the general language of the Amazon [175-]

*Ruth Monserrat**, *Cândida Barros***, *Karl Heinz Arenz* & *Gabriel Prudente****

DOI: <http://dx.doi.org/10.31057/2314.3908.v6.n2.22960>

Resumo: O objetivo do trabalho é apresentar uma transcrição do primeiro capítulo de um catecismo manuscrito anônimo em língua geral e parcialmente em latim, produzido, com muita probabilidade, por um dos jesuítas de língua alemã que atuaram na Amazônia em meados do século XVIII. O capítulo trata sobre os temas do nome do “cristão” e da prática do sinal da cruz. A transcrição é acompanhada de notas com as traduções para o português, sendo precedida por um texto de apresentação com hipóteses acerca da autoria do catecismo, o contexto histórico da produção do documento e a situação linguística das missões do Grão-Pará no setecentos.

Palavras-chave: Catecismo; Língua Geral; Jesuítas; Amazônia portuguesa; Século XVIII.

Abstract: The aim here is to present a transcription of the first chapter of an anonymous manuscript catechism in both Língua Geral and, partially, in Latin, which was very probably composed by one of the German-speaking Jesuits that worked in the Amazon

* Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: ruth.monserrat@gmail.com

** Museu Paraense Emílio Goeldi. E-mail: mcandida.barros@gmail.com

*** Universidade Federal do Pará. E-mail: karlarenz@ufpa.br y gabrielprudente1@yahoo.com.br

region in the mid-18th century. This chapter deals with the matters of the name “Christian” and the practice of the sign of the cross. The transcription is accompanied by notes on the translation into Portuguese, and is prefaced by the presentation of hypotheses concerning the author of the catechism, the historical context of its production, and the linguistic situation of the missions of Grão-Pará in the 1700s.

Keywords: Catechism; Língua Geral; Jesuits; Portuguese Amazon; 18th century.

Recibido: 27 de enero de 2017.

Evaluado: 4 de marzo de 2018.

O manuscrito *Doutrina christaã em lingoa geral dos Indios do Estado do Brasil e Maranhão*, composta pelo P. Philippe Bettendorff, traduzida em lingoa geral e irregular, e vulgar uzada nesses tempos (Fol. 1- 6, ms.1089, Biblioteca da Universidade de Coimbra)¹ (doravante *Doutrina*) é anônimo e sem data. A caligrafia do códice oferece algumas pistas sobre a identidade de seu autor. A forma de grafar o sinal de parênteses (/: : /)², revela que o autor dominava a língua alemã (Monserrat, Barros&Schmidt-Riese, 2017).

A hipótese a respeito do códice é que ele foi provavelmente escrito por um dos oito jesuítas centro-europeus de língua alemã que chegaram à Amazônia entre 1750 e 1753 para atuar como missionários. Esse grupo deixou testemunhos do seu processo de aprendizado da língua geral. Além da *Doutrina*, escreveram três dicionários (Prudente, 2017) e um extrato gramatical (Rosa, 1994) sobre a língua geral (Barros & Monserrat, 2016):

Quadro 1: Textos em língua geral escritos pelos jesuítas centro-europeus.

<i>Doutrina christaã em lingoa geral dos Indios do Estado do Brasil e Maranhão</i> [pertencente à Biblioteca da Universidade de Coimbra, ms. 1089] (Anônimo, 175- a)
" <i>Prosodia da lingoa</i> " [<i>dos Indios</i>] [pertencente à Biblioteca da Academia de Ciências de Lisboa, fol. 2r. - 85v.]. (Anônimo, 175- b)
<i>Vocabulário da língua do Brazil</i> [pertencente à Biblioteca Nacional de Lisboa, códice 3143, fol. 2r. 172r.] (Anônimo, 175- c)
<i>Dicionário Português-Língua Geral e Língua Geral-Português</i> [pertencente à Biblioteca Municipal de Trier, ms. 1136/2048 4º, fol. 1r-65v] (Anônimo, 1756)
<i>Specimen da língua brasílica vulgaris</i> , Anselm Eckart (Eckart, 1778)

Todas as fontes acima assinalam que a língua geral usada então nas missões não correspondia mais àquela que os missionários tinham aprendido nos catecismos e nas gramáticas jesuíticas impressas (Anchieta, 1595; Figueira, [1621] 1687; Araújo, 1618; Araújo & Leam 1687). O padre alemão Anselmo Eckart (um dos candidatos a autor do catecismo parcialmente transcrito adiante) identificava as missões "paraenses" como o espaço da língua geral "corrompida", diferente do modo de falar dos índios tupinambá, associado ao Estado do Brasil:

Deus non moritur, Tupànomanói. este é genuíno modo de falar no Brasil o dialeto Toupinambeus (sic). Mas nas Missões Paraenses, onde o idioma já está um tanto quanto corrompido, assim dizem: Deus, Tupã, ou Tupána, non, **nitiú**, moritur, **omanó**" (Eckart, 1778 apud 1994, p. 177) [negrito acrescentado ao original]

¹ O manuscrito tem 125 fólhos, frente e verso, organizado em seis livros e 78 capítulos

² Uso dos sinais de parênteses nos enunciados [1.P, 3.R e 27.R].

Foi esse uso da negação atribuído às missões - *nitiú*, mencionado acima por Eckart (1778), que o autor da *Doutrina* usou no capítulo aqui transcrito³. Em passagem de outro capítulo ele emprega a mesma expressão “*nitiú omanó*” [‘ele não morreu’], empregada por Eckart em 1778.

R. **Nitiúomanó**jebýráma ?:opýatãpupéojeupir.

Nitiú omano jebyr aráma ‘não morrerá de novo’ o-pyatãpupé o-jeupír ‘com a própria força se elevou’. (Capítulo sobre a ascensão de Cristo ao céu). [trad. R.M.]

Ascendit immortalis, propriâ virtuteElevatus. (Anônimo 175-a, f.30r) [negrito acrescentado ao original]

As cinco fontes linguísticas escritas pelos jesuítas de língua alemã do período entre 1750 e 1759 fazem uso do termo “vulgar” para se referir ao modo de falar a língua geral dos índios das missões naquele momento (“nesses tempos”, como diz a *Doutrina*), em oposição à forma registrada nas obras impressas em tupi no século XVII. É esse registro “vulgar” da língua geral que o autor de *Doutrinas* e propõe a usar para adequar o diálogo de pergunta e resposta jesuítico tradicional (associado a “Bettendorff”) a uma audiência que não mais dominava o registro jesuítico impresso do tupi.

As missões paraenses foram espaços de mudança da língua geral devido à intensa mobilidade e diversidade etnolinguística de sua população. Alguns jesuítas do século XVIII mencionam que as missões não eram mais ocupadas por índios descidos que falavam a língua geral (Daniel, 2004, p. 334). Ao chegarem às missões, os índios eram socializados no seu cotidiano pela variedade da língua geral “corrompida” do século XVIII, segundo o padre João Daniel (2004, p. 334). A circulação dessa variedade por outros setores coloniais se deu devido à mobilidade de homens e mulheres das missões por conta das redes de trabalho compulsório às quais estavam obrigados. Algumas mulheres eram mandadas para as casas dos colonos como amas de leite ou como farinheiras. A parte masculina das missões passava ao menos seis meses do ano como remeira, período em que os homens ficavam fora da missão e em contato com outros índios. A regulamentação do trabalho dos índios da missão estava definida pelo “Regimento das missões” de 1686 (Mattos, 2012).

Levando em consideração as marcas germânicas da escrita do documento e o registro da língua geral empregado como próprio do século XVIII, podemos considerar que a *Doutrina* faz parte de um corpus documental produzido pelos oito jesuítas centro-europeus de língua alemã que atuaram no Estado do Grão-Pará e Maranhão entre 1750 e 1757.

A vinda deste grupo para a Amazônia portuguesa foi articulada pelo padre austríaco Roque Hundertpfundt (1709-1777), que atuava na região desde a década de 1750. Hundertpfundt era muito próximo da então rainha de Portugal Maria Ana de Áustria. A consorte real requereu junto ao superior geral da Companhia de Jesus, o padre Francisco Retz, que este autorizasse o envio de missionários de língua alemã para o Grão-Pará e Maranhão, conforme o pedido do padre Roque, que havia sido chamado à corte em 1749 na qualidade de procurador da Vice-Província do Maranhão.

³ Uso de nitio: ver enunciados [3 R, 4 P, 4 R, 13 P, 31 R].

Em 1750, foram enviados à Amazônia lusa dois padres, Lourenço Kaulen (1716-c.1797) e Antônio Meisterburg (1719-1799). Em 1753 chegaram à região os padres Martinho Schwartz (1718-1788), Anselmo Eckart (1721-1809), David Fay (1722-1767), Henrique Hoffmayer (1721-1757), João Nepomuceno Szluha (1723-1803) e José Kayling (1725-1791). No momento em que foram convocados, estes padres eram docentes em diferentes colégios jesuíticos localizados no Sacro Império Romano Germânico, portanto o trabalho nas aldeias do Grão-Pará e Maranhão foi sua primeira e única experiência como missionários (Leite, 1949a, 1949b; Meier & Aymoré, 2005).

Segundo o relato do padre Anselmo Eckart, o plano inicial do padre Hundertpfundt contemplava a vinda de doze missionários, mas apenas os oito citados foram enviados (Eckart apud Papavero & Porro, 2013, p. 63). Uma possível explicação para a interrupção do envio de mais padres centro-europeus para a Amazônia foi o falecimento da rainha de Portugal Maria Ana de Áustria em 1654, visto que ela foi a intermediária entre o padre Hundertpfundt e o superior geral dos jesuítas, o padre Francisco Retz, como supracitado. A morte da rainha acabou por fortalecer ainda mais o poder do secretário régio Sebastião José de Carvalho e Melo –que posteriormente recebeu o título com o qual ficou mais conhecido na história–, o Marquês de Pombal.

Em meados do século XVIII Carvalho e Melo assumiu a secretaria de Estado de Portugal. Este político esteve à frente do governo luso entre 1750 e 1777, instituindo políticas que objetivavam modernizar o Estado português através da promoção de reformas econômicas, políticas e educacionais (Maxwell, 1996). O estado do Grão-Pará e Maranhão era uma região estratégica para o plano pombalino de recuperação econômica do império luso. Não por acaso Carvalho e Melo enviou seu irmão Francisco Xavier de Mendonça Furtado para o governo do norte da América portuguesa.

Durante o governo pombalino, ocorreram mudanças na relação entre Portugal e os membros da Companhia de Jesus. Adepto do regalismo, Carvalho e Melo passou a ver com maus olhos os negócios e a interferência dos inicianos no império luso, em especial no Grão-Pará e Maranhão, de onde recebia missivas de seu irmão governador sobre as contendas dos jesuítas com os colonos da região, principalmente sobre a questão do uso da mão de obra indígena.

Foi neste contexto, no início da década de 1750, que chegaram ao Estado do Grão-Pará e Maranhão os oito jesuítas da Europa Central supracitados. Eles permaneceram menos de dez anos na Amazônia, mas produziram diversos documentos de caráter linguístico (dicionários e catecismo em língua geral), bem como relatos de suas experiências na região amazônica (Eckart apud Papavero & Porro, 2013). Parte desse grupo atuou na região do rio Xingu e do rio Madeira, e outra, no Maranhão. Eles eram chamados de "tapuitinga" ("bárbaro branco", em tupi) pelos índios das missões amazônicas, segundo o padre David Fay (Fay apud Ronai, 1942, pp. 268-269).

Em um momento de redefinição das fronteiras coloniais ultramarinas entre Portugal e Espanha em virtude do Tratado de Madri (1750), a presença dos jesuítas centro-europeus em áreas fronteiriças na Amazônia foi vista com desconfiança pelas autoridades coloniais. Em virtude disso, os "tapuitinga" sofreram diversas acusações de conspiração com colonos e índios e de desobediência às leis régias. Não é de estranhar, assim, que estejam entre os primeiros jesuítas perseguidos e expulsos do Grão-Pará e Maranhão, sendo encarcerados em Portugal, alguns deles por quase vinte anos, até o fim do governo do Marquês de Pombal em 1777 (Prudente, 2017, pp. 80-125; Fernández Arrillaga & García Arenas, 2009, pp. 227-256).

A expulsão dos jesuítas dos territórios ultramarinos de Portugal foi o pontapé inicial na campanha anti-jesuítica da Europa, que culminou com a supressão da Companhia de Jesus (Wright, 2006, pp. 178-214). Antes disso, as resoluções pombalinas cada vez mais desfavoreciam os interesses da Ordem, sobretudo a partir de 1755, "o ano da virada na Amazônia portuguesa", nas palavras de Francisco Jorge dos Santos e Patrícia Maria Melo Sampaio (Santos & Sampaio, 2008). Entre as diversas medidas que provocaram uma inflexão na política colonizadora lusa, constou a perda do poder temporal pelos padres regulares (franciscanos, carmelitas, mercedários e jesuítas) sobre os índios amazônicos e a secularização das missões, transformadas em vilas.

As resoluções de Pombal seriam aglutinadas e ampliadas no documento do Diretório dos Índios (Portugal, 1758), que previa em seu sexto parágrafo a proibição do uso da língua geral ou de outras línguas nativas no trato com os índios e a promoção da língua portuguesa. A questão do uso da língua geral na Amazônia já era discutida entre Mendonça Furtado e Pombal, como é possível observar em algumas cartas trocadas entre os dois (Mendonça, 2005).

Furtado via o difundido uso do tupi no Grão-Pará e Maranhão como obstáculo às novas diretrizes lusas para a região. No entanto, mesmo em um contexto político desfavorável ao uso da língua geral na Amazônia, os jesuítas continuaram a produzir documentos de caráter linguístico e religioso utilizando o tupi, como dicionários e catecismos (Prudente, 2017). Dessa forma, os jesuítas não abriram mão de seu *modus operandi* que, seguindo o princípio apostólico da *acommodatio*, previa a utilização das línguas dos nativos dos locais de missão para evangelizá-los. Nesse sentido, a *Doutrina*, tendo sido escrita na época pombalina, é um exemplo da persistência dos jesuítas na região amazônica em utilizar uma língua indígena para a catequese, contrariando frontalmente as ordens metropolitanas.

Transcrevemos abaixo o capítulo "Sobre o fim da criação, sinal da cruz e meyo da salvaçãõ" (fólios 1 – 6). São 36 perguntas e respostas sobre os temas do significado de "cristão" e da prática do sinal da cruz (Barros e Monserrat 2016), organizados em duas colunas, uma em língua geral e outra parcialmente em latim. O uso do latim como língua de tradução nos documentos produzidos pelos padres centro-europeus evidencia a sólida formação desses religiosos naquele idioma, além de ser uma estratégia para que outros missionários sem domínio do português pudessem compreender o sentido dos termos em língua geral, como no caso da *Doutrina*.

A transcrição paleográfica é semi-diplomática. Na medida do possível, foram preservadas e reproduzidas as rasuras presentes no documento, bem como a grafia das duas colunas. Houve expansão de algumas das abreviaturas por meio de itálicos, outras vezes por colchetes. As interferências foram introduzidas também por colchetes. A numeração dos turnos de perguntas e respostas foi acrescentada pelos editores. Procurou-se manter a mesma disposição dos enunciados nas duas colunas do original, pois uma hipótese é que seu autor tenha querido estabelecer uma correspondência interlínguas organizada espacialmente. Não foi possível, porém, seguir esse procedimento quando houve expansão de abreviaturas ou acréscimos em colchetes.

A transcrição é acompanhada de notas de rodapé contendo as traduções para o português do texto em língua geral (feitas por Ruth Monserrat) e do texto em latim (feitas por Ilario Govoni e Karl Arenz). A tradução da língua geral para o português manteve as glosas instituídas nas fontes tupi jesuíticas. Por exemplo, a palavra *tecoangaipaba* (ver 34.R) é traduzida por 'pecado', como fixou-se nos catecismos e

dicionários jesuíticos, e não por ‘maldade’ ou por ‘ação má’ ou ‘vida má’, como ficaria pela sua morfologia: *tecó-âng.aíb-aba*.

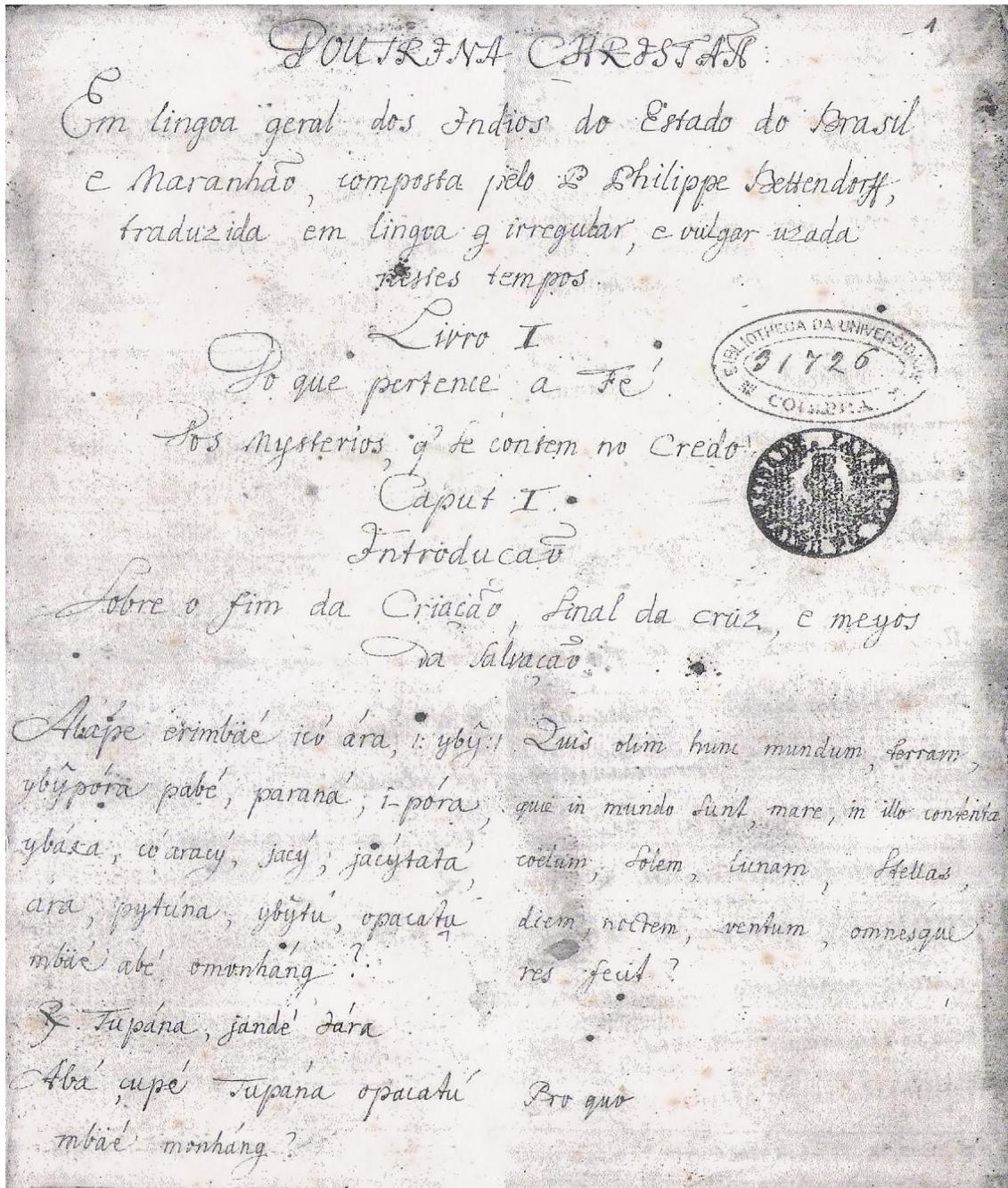


Imagem 1: Primeiro fôlio da *Doutrina Christã Em lingua geral dos Indios do Estado do Brasil e Maranhão*, com um carimbo da Biblioteca da Universidade de Coimbra.

DOCTRINA CRISTAÃ
Em lingoa geral dos Indios do Estado do Brasil
e Maranhão, composta pelo P. Philippe Bettendorff,
traduzida em lingoa g irregular, e vulgar uzada
nesses tempos
Livro I
Do que pertence a Fé
Dos mysterios, q' se contem no Credo
Caput I
Introdução
Sobre o fim da Criação, Sinal da cruz, e meynos
da Salvação

[Fl. 1]

1. P. Abápe erimbäé icó ára, /: ybÿ :/
 ybÿpóra pabé, paraná; i-póra,
 ybáka, có aracy, jacý; jacýtatá,
 ára, pytúna, ybÿtu, opacatu
 mbäé abé omonháng?⁴

1. R. Tupána, jandé Iára.⁶

2. P. Abá çupé Tupána opacatú
 mbäé monháng?⁷

[Fl. 1v]

2. R. Jandébo, jandé mbäérama,
 çóó etá, jandé rembaberáma amó,
 amó jandé rembiuaráma.
 Pirá recé jabé jebÿr: cóaracy
 omëengaráma ára jandébo: jacý,
 cendyráma, pytúnarame: jabé
 jebÿr opacatú amó, Tupána
 remimonhanga recé jandé mbäeráma
 nhénhé.⁹

[Fl. 1]

Quis olim hunc mundum, terram,
 quæ in mundo sunt, mare, in illo contenta
 cœlum, solem, lunam, stellas,
 diem, noctem, ventum, omnes quæ
 res fecit?⁵

Pro quo⁸

[Fl. 1v]

animalia, alia ut educemus,
 alia, que comedamus.
 De piscibus idem est: solem,
 ut det diem nobis : lunam,
 ut luceat, cum fuerit nox : idem
 est de omni alio, quod Deus
 fecit in usum nostrum
 denique.¹⁰

⁴Tupi: "[P.] Quem antigamente este mundo, /: a terra:/ e todos os habitantes da terra, os rios; seus habitantes,

o céu, o sol, a lua; as estrelas, o dia, a noite, o vento, todas as coisas também criou?"

⁵Latim: "R. Quem é que fez, antigamente, a terra/ que há neste mundo, o mar nele contido/ o céu, o sol, a lua, as estrelas/ o dia, a noite, o vento e todas as coisas?"

⁶Tupi: "Deus Nosso Senhor."

⁷Tupi: "P. Para quem Deus fez todas as coisas?"

⁸Latim: "Para quem?"

⁹Tupi: "R. Para nós, para [ser] nossa caça, outros para ser nossa criação, outros para ser nossa comida. Com os peixes também a mesma coisa: o sol para nos dar o dia: a lua, para iluminar de noite: e assim mesmo [com] todas as coisas, [por] Deus feitas para nosso uso apenas"

3. P.Cöÿr: mbäeráma Tupána jandé
monháng?

Míra mbäérama cecó có ybý pupé?
omoçaräimbäeráma? ombaeuuaráma?
Ocäumbaeráma? Oporomonhangmbae-
-ráma, ? oporomenmbaerama?¹¹

Homines ad quid sunt in hâc terrâ?
ad ludendum? ad comedendum?
ad bibendum? ad se propagan-
-dos? ad fornicandum?¹²

3. [R.] Aananangaité, aanaangaite. R. Tupána
pemonháng /: pejeapuçaca catú :/
Tupaná pemonháng, có ybý pupé
pecuaûmbaeráma Tupána, i-nhëénga
/: i-angaturameté mbäé :/ peporucar-
-mbäeráma, pemanó riré, ybákypé¹³

R.
vos fecit /: auscultate¹⁶
ut sciatis Deum¹⁷,
/: quæ est sanctissima :/¹⁸

[Fl. 2]

pecetametébäé [peretametébäé], Tupána pe
Monhangárapÿri peçóbaeráma, ybáka
torýba monhánga nhénhé.¹⁴

[Fl. 2]
quæ est patria vestra¹⁹,
ad cœleste.
gaudium faciendum sine fine²⁰.

Coÿr ybýpe peicó, nitiú ybýpóramo
aujeramanhé; goataçáranho peicó.
Perapé cycába ybakype cecoû.¹⁵

Nunc in terra estis, non tanquam terræ incolæ
pro semper; peregrini solum estis.
viævestræterminus in cœloest²¹.

4. P.Nitíu cerá Tupána monháng amó abá,
anhánga ratá pé oçóbaeráma?²²

¹⁰Latim: "Os animais, alguns para criá-los, outros para os comermos; a mesma coisa para os peixes; o sol, para nos dar o dia; a lua para que brilhe quando faz noite; a mesma coisa, enfim, para todo o restante, que Deus fez para o nosso uso."

¹¹Tupi: "P. Agora, para que Deus nos fez? As pessoas estão nesta terra para que? Para se divertir? Para comer? Para beber? Para procriar? Para fornicar?"

¹²Latim: "Os homens para que estão neste mundo? Para brincar? Para comer? Para beber? Para procriar? Para fornicar?"

¹³Tupi: "[R.] Não, não. R. Deus vos fez /: escutai bem:/ Deus vos fez, para que nesta terra, Vós conheceis a Deus, a sua lei [palavras] /: que é santíssima:/ para vós a obedecerdes, depois de morrer, para o céu"

¹⁴Tupi: "qual é a vossa pátria, Deus através de vossa criação apenas para irdes à alegria celestial sem fim."

¹⁵Tupi: "Agora estais na terra, não como habitantes da terra para sempre; vós sois apenas peregrinos. O fim do vosso caminho é no céu"

¹⁶Latim: "[Ele] vos criou /: escutai"

¹⁷Latim: "para que conheceis Deus"

¹⁸Latim: "qual é a santíssima [lei]"

¹⁹Latim: "Qual é a vossa pátria,"

²⁰Latim: "Para que tivésseis o gozo do céu sem fim"

²¹Latim: "Agora estais neste mundo, não como moradores da terra para sempre; mas sois somente peregrinos. O ponto final do vosso caminho está no céu."

²²Tupi: "P. Não será que Deus fez algumas pessoas para irem para o fogo do inferno?"

4. R. Aipobaeráma Tupána nitiú abá monháng ²³	R. Ad hoc Deus ne- -minem creavit. ²⁴
5. P. Maranamótepe abá canhem etéu? ²⁵ 5. R. Tupána nhëénga rupí cecoeýma recé. ²⁷	Pois porque se danaõ tantos? ²⁶ R. quia non servant legem Dei ²⁸ .
6. P. Umabaepé icó ára póra pabé çuí ixoûne ybakypé? ²⁹	Qui ex omnibus hujus mundi incolis sunt salvandi? ³⁰
6 R. Christaõ eté anhó. ³¹	R. Solùm veri Chistianiani ³²
7. P. Abá cupépe[çupé], Christaõ acê[acé]iëú? ³³	Quos vocamus Chistianos? ³⁴
7. R. Imongaraibipýra, Jesu Christo rerobiaçára, i-nhëénga mombegoârabé ³⁵	R. Baptizatos, in Jesum CHRISTUM. credentes, et ejus legem servantes ³⁶ .
[Fl. 2v]	[Fl. 2v]
8. P. Abatäé Jesu Christo? ³⁷	
8 R. Tupána Rayreté, apýabetéabé, jandé jabé, onhemonhangbaepoera ³⁸	R. Verus Dei Filius ³⁹ ,

²³Tupi: "R. Para isso Deus não criou ninguém."

²⁴Latim: "Para isso Deus não criou ninguém"

²⁵Tupi: "P. Então por que as pessoas se perdem muito?"

²⁶Interferências do português.

²⁷Tupi: "R. Porque não obedecem à lei de Deus."

²⁸Latim: "Porque não guardam a lei de Deus."

²⁹Tupi: "P. Quais dentre todos os habitantes da terra irão para o céu?"

³⁰Latim: "Quem dentre os habitantes desta terra terão que salvar-se?"

³¹Tupi: "R. Só os verdadeiros cristãos."

³²Latim: "Só os verdadeiros cristãos"

³³Tupi: "P. A quem chamamos Cristãos?"

³⁴Latim: "Quem chamamos de cristãos?"

³⁵Tupi: "R. Àqueles que são batizados, creem em Jesus Cristo, e são seguidores de sua lei."

³⁶Latim: "Os batizados que creem em Jesus Cristo e que guardam sua lei."

³⁷Tupi: "P. Quem é Jesus Cristo?"

³⁸Tupi: "R. Filho verdadeiro de Deus e homem verdadeiro, como nós, que se fez [assim]."

9. P. Jandé J.J.C° [Jara Jesus Christo], çüipé <i>Christaõ oguerama ráricerã?</i> ⁴⁰	Christiani à Jesu <i>Christo</i> sump- serunt suum nomen? ⁴¹
9. R. Ixüí tári. ⁴²	R. Ab illo sumpserunt. ⁴³
10. P.Christaõpé ndé. ⁴⁴	Esné Christianus? ⁴⁵
10 R. Christaõ xé, Tupána graça recé. ⁴⁶	R. Sum per Dei gratiam ⁴⁷
11. P.Maranamopé Christaõ xé Tupána gráça recé eré? ⁴⁸	Cur dices p [per] Dei graám [gratiam] ⁴⁹
11 R. Nã xé recócatúagoera, coipó xe Rúba, coipó xe Máya, coipó amómbäé Tupána remimonhangoéra é recéruã. Chistaõ xé Tupána angaturáma, Tupána porauçubára recé, J.J.J.C°. reõagoera, i-poraraçagoera recebé. ⁵⁰	R. porque non per mea merita, nec patris mei, aut matris meæ aut alterius creatura Sum Christianus per Dei bonitatem, et mysericordiam ⁵¹
12. P.Majauetäé Tupána abá rerecó, Chistaõ onhemonhángrame. ⁵²	Quomodo Deus illum tractat, qui Xtúm [Christianum] se fecerit? ⁵³

³⁹*Latim*: "O verdadeiro Filho de Deus"

⁴⁰*Tupi*: "P. De Nosso Senhor Jesus Cristo por ventura os cristãos tomaram o nome?"

⁴¹*Latim*: "Os cristãos tomaram seu nome de Jesus Cristo?"

⁴²*Tupi*: "R. Dele o tomaram."

⁴³*Latim*: "O tomaram dele"

⁴⁴*Tupi*: "P. És cristão?"

⁴⁵*Latim*: "Tu és cristão?"

⁴⁶*Tupi*: "Sou cristão, pela graça de Deus"

⁴⁷*Latim*: "Sou, pela graça de Deus"

⁴⁸*Tupi*: "Por que dizes sou cristão pela graça de Deus?"

⁴⁹*Latim*: "Porque dizes por graça de Deus?"

⁵⁰*Tupi*: "R. Não porque vivi honestamente, ou por meu Pai, ou pela minha Mãe, ou por qualquer outra coisa que Deus tenha feito. Sou cristão pela bondade de Deus, pela misericórdia de Deus Nosso Senhor Jesus Cristo, pela sua morte e pelos seus sofrimentos."

⁵¹*Latim*: "Porque não por meus merecimentos, nem [os] de meu pai, nem de minha mãe, ou de outra criatura. Sou cristão pela bondade e misericórdia de Deus."

⁵²*Tupi*: "P. De que modo trata Deus aquele que se faz cristão?"

⁵³*Latim*: "Como é que Deus trata aquele que se fez cristão?"

[Fl.3]

12 R. Tupána Tayraráma, omoingou,
ybâka poraráma omoingou.⁵⁴

13 P. Abá nitiú onhemonhangpotárame, Christaõ,
marãtäé?⁵⁶

13. R. Juriparí remiauçubarama
opýtá.⁵⁸

14. P. Eremombëú üã ixebo abá reroki-
-pýra réra, coýr emombeú
ixebo: mbäetäé Christaõ jecua-
-pába.⁶⁰

14 R. Santa cruz räangába⁶².

15. P. Mbäé recé?⁶³

15. R. I-aribó J.J.J.C° [Jesus Cristo] omanó recé,
jandé pycyrõbaeráma recé
erimbäé.⁶⁴

16. P. Mobýr tecó rupí Christaõ monháng Santa
cruz⁶⁶.

[Fl.3]

R. Dei Filium illum constituit,
cœlestem civem illum constituit.⁵⁵

Qui non vult se facere
Cristianum, quid illo fit?⁵⁷

R. Diaboli mancipium
manet.⁵⁹

Dixisti mihi jam hominis bap-
-tizati nomen, nunc dic
mihi: quodnam Xtni [Christiani] sig-
-num?⁶¹

R. q [quæ] super illâ N.D.J.C. mortuus
est olim, ut redimeret.⁶⁵

Quot modis⁶⁷

⁵⁴Tupi: "R. Ele o torna filho de Deus, torna-o habitante do céu."

⁵⁵Latim: "O constitui Filho de Deus, o constitui cidadão do céu"

⁵⁶Tupi: "P. Àquele que não quer se fazer cristão, o que acontece?"

⁵⁷Latim: "Àquele que não quer se tornar cristão, o que lhe acontece?"

⁵⁸Tupi: "R. Fica escravo do diabo."

⁵⁹Latim: "Permanece escravo do diabo"

⁶⁰Tupi: "P. Tu já me disseste quem é o batizado [aquele a quem foi tirado o nome], agora me diz: qual é o sinal do Cristão."

⁶¹Latim: "Já me disseste o nome do homem batizado/ agora diga-me: qual é o sinal do cristão?"

⁶²Tupi: "R. O sinal da Santa Cruz."

⁶³Tupi: "P. Por que?"

⁶⁴Tupi: "R. Porque em cima dela N.S.J.C. morreu, para nos redimir, outrora."

⁶⁵Latim: "Aquele sobre a qual N.S.J.C. foi morto uma vez, para nos redimir/"

16 R. Mocoĩ rupí ⁶⁸ .	R.
17. P.Marã eitãé? ⁶⁹ [Fl. 3v]	Quales sunt? ⁷⁰ [Fl. 3v]
17 R. Jandé recé Christaõ jecuapába jandé moína, jandé nhemongaribabé ⁷¹	R. In hoc Xtnorum [Christianorum] signum ponendo, et nos benedicendo. ⁷²
18 P. Marã jabépe acẽCristaõ jecuapaba oioecé imöíni. ⁷³	Quomodo nós sig- -namus? ⁷⁴
18 R. Opó acatuaba [ecatuaba] acẽçokendápa, opópöagoaçú mopöámabé, cruz mirí moçapýr, ojepé ocybápe, amo ojurúpe, amó opotiápe imonhánga coyte ⁷⁵	R. Fechando a maõ direita, et pollice facendo cruces parvas tres, unam in fronte, aliam in ore, aliam in pectore ⁷⁶ .
19. P.Mbäetãé ëipé acẽ emonã, oçobaçápa? ⁷⁷	Quid dicimus, nos signando? ⁷⁸
19 R. Ocybápe acẽ cruz möína, <u>Santa</u> <u>cruz raangaba recé</u> , éi: ãëriré acẽ ojurúpe amó möína, <u>orépýcýrõ jepé</u> <u>Tupána ore Jara</u> , éi : ãé riré abé amó opotiápe acẽ möína, <u>oré amotareýmbara</u> çüí, éi. ⁷⁹	R.Faciendo unam in fronte crucem, <u>per Signum Sanctæ crucis</u> dicimus: postea in ore aliam facendo, <u>libera nos</u> <u>Deus noster!</u> dicimus: postea aliam in pectore facendo, <u>ab inimicis nostris</u>

⁶⁶Tupi: "P. De quantas maneiras o Cristão faz a Santa Cruz?"

⁶⁷Latim: "De quantos modos?"

⁶⁸Tupi: "De duas maneiras."

⁶⁹Tupi: "Como se diz?"

⁷⁰Latim: "Quais são [estes modos]?"

⁷¹Tupi: "R. Em nós o sinal do Cristão nos pondo, e os benzendo."

⁷²Latim: "Fazendo este sinal do cristão e nos bendizando"

⁷³Tupi: "P. De que outro modo a pessoa põe em si mesma o sinal do Cristão? [Como nos persignamos?]"

⁷⁴Latim: "De que modo nos persignamos?"

⁷⁵Tupi: "Fechando a mão direita, erguendo o polegar, fazendo três pequenas cruces, uma na testa, outra na boca e, finalmente, outra no peito."

⁷⁶Latim: "Fechando a mão direita e com o polegar fazendo três pequenas cruces, uma na testa, outra na boca, outra no peito"

⁷⁷Tupi: "P. O que dizemos então, ao nos persignar?"

⁷⁸Latim: "De que modo nos persignamos?"

	dicimus. ⁸⁰
20. P.Maranamopé acẽ öcybápe jabaçába [jabaçába] möíni? ⁸¹	Cur facimus signum crucis in fronte? ⁸²
20 R.Taxepÿcÿrõ Tupána maenduaçába ãlba çüí. ⁸³	R. Ut me Deus liberet cogitationibus malis ⁸⁴
21. P.Maranamopé acẽ ojurúpe çaañghino? ⁸⁵	Cur in ore? ⁸⁶
[Fl. 4]	[Fl. 4]
21 R.Toipëá Tupána nhëénga memoã xé jurú çüí. ⁸⁷	R. Ut seget Deus verba mala ab ore meo. ⁸⁸
22. P.Maranamopé acẽ opotiápe imöini? ⁸⁹	Cur in pectore? ⁹⁰
22 R.Taxepëá Tupána tecoángaipába çüí, acẽ nhia cüí [çuí] océmbäé. ⁹¹	R. Ut me seget Deus âb operibus malis, è corde nostro, que prodeunt. ⁹²

⁷⁹*Tupi*: "R. Pondo a cruz na testa, Pelo sinal da Santa Cruz dizemos; depois nos pondo outra na boca, dizemos livrai-nos Deus Nosso Senhor; e depois nos colocando outra no peito, dizemos, dos nossos inimigos."

⁸⁰*Latim*: "Ao fazer uma cruz na testa dizemos pelo sinal da Santa Cruz, e depois fazendo outro na boca dizemos livrai-nos nosso Deus; depois fazendo outro no peito dizemos dos nossos inimigos"

⁸¹*Tupi*: "P. Por que nos colocamos a cruz na testa?"

⁸²*Latim*: "Porque fazemos o sinal da cruz na testa?"

⁸³*Tupi*: "R. Que Deus me livre das tentações [das más lembranças, dos maus pensamentos]"

⁸⁴*Latim*: "Para que Deus nos livre dos maus pensamentos"

⁸⁵*Tupi*: "P. Por que a sinalizamos na boca?"

⁸⁶*Latim*: "Para que na boca?"

⁸⁷*Tupi*: "R. Que Deus afaste as más palavras da minha boca."

⁸⁸*Latim*: "Para que Deus impeça palavras más em minha boca."

⁸⁹*Tupi*: "P. Por que a colocamos no peito?"

⁹⁰*Latim*: "Para que no peito?"

⁹¹*Tupi*: "R. Que Deus me afaste do pecado [maldade], que sai do nosso coração."

⁹²*Latim*: "Para que Deus me afaste das más obras que procedem do nosso coração."

23. P.Marã jabépé acê nhemongaräibi?
Majauetäé abá Christaõ
jecuapãba onóng?⁹³

Quomodo⁹⁴
Quomodo aliquis in se Xtnórum
[Christianorum] signum facit?⁹⁵

23. R. Ocekendá ipó ecatuába, ipópoa-
-goaçúnhó mopoáma, i-pupé moçapýr
cruza mirí monháng, ojepé ocybápe,
ojurupé amó, opotiápe amó coyté.⁹⁶[Trecho
rasurado]

R. Claudit suam manum dextram, suum
pollicem solum erigendo, illo tres
cruces parvas facit, unam in sua fronte,
in suo ore aliam, in suo pectore aliam
deniq[ue].⁹⁷[Trecho rasurado]

24. P.Marã éí abá, aipó moçapýr cruza
mirí monhánga?⁹⁸ [Trecho rasurado]

Quomodo dicit aliquis, has tres cruces
parvas faciendo?⁹⁹ [Trecho rasurado]

24. R. Ocybápe cruza monhángrame, Santa cruz
rãangába recé, éí: ojurupe amo o-
-moinrame,orepy¹⁰⁰ [Trecho rasurado]

R. Ocekendabóc abá opó ecatuába,ipupé oçayr
cruz ocybá çüí¹⁰¹

R. Aperit quis suam manum dexteram,
illâ delineat crucem à sua fronte,¹⁰³

[Fl.4v]
athe ocuá rupí catú ranhé, äé
riré oatiýba açúra çüí oatiýba
ecatuaba cotý cruza mombab.¹⁰²

[Fl.4v]
bene usq[ue] ad medium sui corporis
inprimis,
postea à suo humero sinistro, suum hume
[rum]
dextrum versus crucem absolvit.¹⁰⁴

⁹³Tupi: "P. Como ainda nós nos benzemos? De que outro modo a pessoa faz o sinal do Cristão?"

⁹⁴Latim: "De que modo?"

⁹⁵Latim: "De que modo alguém faz em si o sinal dos cristãos?"

⁹⁶Tupi: "R. Fecha sua mão direita, erguendo só o seu polegar, com ele três cruces pequenas faz, uma na sua testa, na sua boca outra, no seu peito outra finalmente."

⁹⁷Latim: "Fecha sua mão direita, somente elevando seu polegar e com ele faz três pequenas cruces, uma em sua testa, outra na sua boca e enfim outra em seu peito."

⁹⁸Tupi: "P. O que diz a pessoa, fazendo estas três cruces pequenas?"

⁹⁹Latim: "Como é que alguém diz ao fazer estas três pequenas cruces?"

¹⁰⁰Tupi: "R. Ao fazer a cruz na sua testa, diz Pelo sinal da Santa Cruz; quando faz outra no seu peito, [vocabulo incompleto]"

¹⁰¹Tupi: "R. A pessoa abre sua mão direita, com ela risca uma cruz desde sua testa."

¹⁰²Tupi: "até bem a sua cintura primeiro, e depois do seu ombro esquerdo, em direção ao seu ombro direito uma cruz faz."

¹⁰³Latim: "A pessoa abre sua mão direita, com ela traça uma cruz a partir de sua testa."

25.P.Marã ëítäé abá, jabé onhemonga-
-raiba?¹⁰⁵

Quomodo dicit aliquis, sic se benedi-
-cendo?¹⁰⁶

25 R. Abá onóngrame opó ocýbápe,
Túba, ëí: ocýcrame ipó icuape,

Cūm quis ponit manum suam in suā fronte
dicit:...cūm p[er]tingit illius manus ad mediū
sui oris

Taýra, ëí: äé riré ocykyrame ipó
oatíýba açura çuí oatíýba ecatuába
cotý, *Espirito.Santo.rera pupé* ëí :¹⁰⁷

dicit:.....Dein cūm traxerit manum suam
ab humero suo sinistro, humerum suū dextrū
versùs, dicit:.....¹⁰⁸

26. P.Mbäé recé abá jobaçáb? ¹⁰⁹

Quare homo se benedicit?¹¹⁰

26 R. *Santissima*. Trindade Túba,Taýra
Espirito *Santo* moçapýr abá, ojepenhó
Tupána mombëuráma recé. ¹¹¹

R. Ad profitendum,¹¹²

27. P.Mbäe recébe abá jobaçábi?¹¹³

Cur ampliùs?¹¹⁴

27 R. Oremombeurama recebé, Tupá Taýra
ybâkaçuí ouágoéra, S^a MARIA
cunhã mbucú [mbucú] i-jabykyéyma mnhe
[nhenhé]barriga pupé, apýabeté
onhemonhángagöéra,¹¹⁵

R. Ut profiteamur insuper Dei Filium
de cælo venisse, in *Santa MARIA*
Semper virginis intemérata ventre
hominem factum¹¹⁷,

[Fl. 5]

[Fl 5]

¹⁰⁴*Latim*: "Em primeiro lugar, bem até ao meio de seu corpo, depois de seu ombro esquerdo a seu ombro direito, [assim] faz-se a cruz."

¹⁰⁵*Tupi*: "P. O que diz a pessoa também ao se benzer?"

¹⁰⁶*Latim*: "Como é que alguém fala se benzendo assim?"

¹⁰⁷*Tupi*: "R. A pessoa, quando põe sua mão na testa, diz [do] Pai; quando chega sua mão no meio da cintura diz [do] Filho; e, então, quando chega sua mão do ombro esquerdo em direção ao ombro direito, [do] Espirito Santo em nome, se diz."

¹⁰⁸*Latim*: "Quando a pessoa põe sua mão na sua testa, diz: ... Quando a mão dele chega no meio de sua boca, diz: ... Em seguida, quando sua mão traçar de seu ombro esquerdo para seu ombro direito, diz: ..."

¹⁰⁹*Tupi*: "P. Por que as pessoas se persignam?"

¹¹⁰*Latim*: "Por que razão a pessoa se benze."

¹¹¹ *Tupi*: "R. Para professar [que] a Santíssima Trindade, Pai, Filho, Espirito Santo são três pessoas e um só Deus."

¹¹²*Latim*: "Para professar [a fé]"

¹¹³*Tupi*: "P. Por que mais as pessoas se persignam?"

¹¹⁴*Latim*: "Para que mais?"

¹¹⁵*Tupi*: "R. Para declarar [que] Deus Filho veio outrora do céu, S^a MARIA jovem não trabalhada na barriga, homem verdadeiro se fez outrora,"

cruza áribo omanóbaepöéra, oaçúra.
/:jandé canhemagöéra mombeuçába :/
çüí, oecatuába /: ybâkypé jande co-
-rama [çorama] mombegoãba:/ cotý, jande
reraçóagöéra mombëuráma nhenhe¹¹⁶.

28 P.Mbäé recebé?¹¹⁹

28 R. Anhánga mondyjaráma recé, mbäéáírbá
pabé, jandé robaké çüí momocembäeráma.¹²⁰

29. P. Majauerámetäé corí jandé jobaçáb?¹²²

29 R. Mbäé ypýrúnga jabiõ pupé, coipo
máme maranmarán jaicobaeráma recé,
jacykyjeráme.¹²³

30. P.Majauérameabé?¹²⁵

30 R. Ore pacárame, okaçüí orecém rame,
Tupã ókype oreikérame,oré kéra
janondébé.¹²⁷

31. P.Ocobacábtäé [oçobaçabtäé] abá
cemburama.¹²⁹

in cruce mortuum fuisse, à sinistrâ suâ
/: nostræ perditionis significativâ :/
dexteram suam /: salvationis nostræ fu-
-tura significativâ :/ versùs nos transtu-
-lisse ad profitendum constanter.¹¹⁸

R. Ad dæmonem intimitandū, malum
omne ex nostra præsentia ad pellendum.¹²¹

Quando

R. In rei cuiusvis principio, aut
alicubi aliquid adversi nos passuros,
ubi timuerimus.¹²⁴

Et quando magis?¹²⁶

R. Cum evigilamus, domo eximus,
Ecclesiam intramus, et ante somnum
nostrum.¹²⁸

Benedicúntne hocs [hos]cibos suos?¹³⁰

¹¹⁷Latim: "Para que professemos, acima de tudo, que o Filho de Deus/ veio do céu por SANTA MARIA/ no ventre da Virgem, sempre intemerata,/ se fez homem/"

¹¹⁶Tupi: "em cima da cruz morreu, da sua esquerda, /: [que] declara nossa perdição:/ em direção à sua direita /: [que] declara nossa ida para o céu [salvação] :/, nos leva a declarar [isso] constantemente."

¹¹⁸Latim: "que foi morto na cruz, da sua esquerda/ significando a nossa perdição:/ a sua direita /significando a nossa futura salvação; que transferiu a nós/ para professarmos constantemente"

¹¹⁹Tupi: "P. E por que mais?"

¹²⁰Tupi: "R. Para assustar o demonio, para todas as coisas ruins da nossa frente fazer sair."

¹²¹Latim: "Para intimar o demônio, para expulsar todo mal da nossa presença."

¹²²Tupi: "P. Quando ainda nos persignamos?"

¹²³Tupi: "R. No início de qualquer coisa, ou quando estamos bem mal, quando estamos com medo."

¹²⁴Latim: "No começo de qualquer coisa ou em qualquer lugar, [onde] sofreremos alguma adversidade, onde estivermos com medo"

¹²⁵Tupi: "P. E quando mais?"

¹²⁶Latim: " E quando mais?"

¹²⁷Tupi: "R. Quando despertamos, quando saímos de casa, quando entramos na igreja, antes de dormir."

¹²⁸Latim: "Quando acordamos, saímos de casa, quando entramos na igreja e antes de nosso sono."

31. R. Ocobacáb [oçobaçab], nitiu jandé momarãbäerama jandé rembiú.¹³¹

R. Benedicunt, ne nobis noceant cibi nostri¹³²

[Fl.6]

[Fl.6]

32. P. Mbäerecétäé abá jobaçáb mbäé ypý-rúnga jabiõ pupé?¹³³

Cur ab initio cujusvis rei?¹³⁴

32 R. Tonhemonháng jandé morabýkyçába, Tupã möetábäerama recé.¹³⁵

R. ut fiat noster labor ad Dei honorem¹³⁶

33. P. Catútäé abá, cetaýi oçobaçáb?¹³⁷

bene agit, qui sæpiús se benedicit?¹³⁸

33 R. Catúeté; Tupã jandé pycyrõbaerama jandé ánga amotareýmbáreta çüí, umã umã rupí jaicórame?¹³⁹

R. Optimè, ut Deus nos liberet animæ nostræ inimicis, ubi-cunq[ue] extiterimus¹⁴⁰.

34. P. Mbäé pupé täé, orejepýçýrõ juripari çüí, ybakypé jaçocatubaerama¹⁴¹.

Quâ nos re liberamus, à dæmone, ut ad cœlum pertingamus?¹⁴²

34 R. Tupã rerobiá pupé; Tupã jerobiá pupé; Tupã rauçúba pupé; onhemonga-rípa [-raípa] pupé; Tupã nhëenga rupí, jaicó pupé; tecó morangatú monhánga pupé, Santa Madre Igreja nhëénga rupí jaicó pupébé, tecoangäipába monhánga

R. Fide in Deum, Spe, Amore Dei, procuracione Baptismi, ~~bonos~~ observatione legis Dei, bonorum operum operatione, Sancta Matris Ecclesia legum observatione, peccati commissionem

¹²⁹Tupi: "P. As pessoas benzem a comida?"

¹³⁰Latim: "Eles benzem esses seus alimentos?"

¹³¹Tupi: "R. Nós nos benzemos [persignamos], para que não nos faça mal nossa comida."

¹³²Latim: "Benzem para que nossos alimentos não nos façam mal."

¹³³Tupi: "P. Por que as pessoas benzem antes de começar qualquer coisa?"

¹³⁴Latim: "Por que no início de qualquer coisa?"

¹³⁵Tupi: "R. Que se faça o nosso trabalho para a honra de Deus."

¹³⁶Latim: "Para que nosso trabalho seja feito para a honra de Deus."

¹³⁷Tupi: "P. É bom que a gente se benza muitas vezes?"

¹³⁸Latim: "Age bem quem se abençoa muitas vezes?"

¹³⁹Tupi: "R. Muito bom; para que Deus livre nossa alma dos nossos inimigos, em qualquer lugar em que estivermos."

¹⁴⁰Latim: "Muito bem, para que Deus nos livre dos inimigos nossa alma, em qualquer lugar no qual estejamos."

¹⁴¹Tupi: "P. Com que nos livramos do demônio, para irmos seguramente para o céu?"

¹⁴²Latim: "Por meio de que nos libertamos do Demônio para que alcancemos o céu?"

çüí jacykycéetéramebe.¹⁴³ubi summè timuerimus¹⁴⁴.35. P.Mbäé pupébetäé orejepycyrōgatú
anhánga cüí [çuí]?¹⁴⁵Quibus porrò mediisnos perquamliberamus
à dæmone?¹⁴⁶

[Fl. 6]

[Fl. 6]

35 R. *Santa Madre Igreja Sacramentos* raçaba
pupé, nhemombëúcatú pupé, Tupã
raçaba pupé, Tupána graça pupé
oicó pupé¹⁴⁷.R. *Sanctæ Matris Ecclesiæ Sacramentorū*
susceptione, confessione bonâ, com-
munionem, in Dei Gratia
perseverantiâ.¹⁴⁸36. P.Onhemoçainan catútäé Christaõ, aipó
pabé ybâkype ceraçoçabeta pupé¹⁴⁹Debetne procurare omni studio Xtnús
[Christianus], hæc omnia ad cœlum quæ
ipsum perducunt¹⁵⁰36 R. Onhemoçainan eté cecé¹⁵¹.R. Omni studio.¹⁵²

Agradecimentos

Agradecemos ao Programa de Capacitação Institucional (PCI) do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT - Brasil) que possibilitou o deslocamento da primeira autora para o Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG - Brasil) onde foram realizadas pesquisas e discussões pertinentes para a realização deste trabalho. Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio e financiamento concedido para a segunda autora. À Evahir Pereira pela a transcrição paleográfica preliminar; ao Padre Ilario Govoni pela tradução do latim.

¹⁴³*Tupi*: "R. Credo em Deus; confiando em Deus; amando a Deus; fazendo-se batizar; seguindo a lei de Deus; levando uma vida santa; seguindo os mandamentos da Santa Madre Igreja, de pecados fazer tendo muito medo também [e tendo muito medo de fazer pecados]"

¹⁴⁴*Latim*: "Pela fé em Deus, pela esperança, pelo amor de Deus, pela administração do Batismo, pela observância da lei de Deus, pela execução de boas obras, pela observância dos mandamentos da Santa Madre Igreja, [alcançando] a remissão do pecado lá onde mais [o] temeremos."

¹⁴⁵*Tupi*: "P. Por que outros meios nos livramos bem do demônio?"

¹⁴⁶*Latim*: "Com que meios mais nos libertamos enfim do Demônio?"

¹⁴⁷*Tupi*: R. Por meio dos Sacramentos da Santa Madre Igreja, pela confissão, pela comunhão, na graça de Deus vivendo."

¹⁴⁸*Latim*: "Pela recepção dos sacramentos da Santa Madre Igreja, por uma boa confissão, pela comunhão, pela permanência na graça de Deus."

¹⁴⁹*Tupi*: "P. O Cristão deve ocupar-se muito com todos aqueles que foram levados para o céu?"

¹⁵⁰*Latim*: "O cristão deve procurar com todo esforço tudo isso que nos conduz ao próprio céu?"

¹⁵¹*Tupi*: [Devem] ocupar-se muito com isso.

¹⁵²*Latim*: "Com todo esforço."

Referências bibliográficas

- Anchieta, J. de (1595). *Arte da grammatica da lingoa mais usada na costa do Brasil*. Coimbra, Portugal: Antonio de Mariz.
- Anônimo (175- a). *Doutrina christã em lingoa geral dos Indios do Estado do Brasil e Maranhão, composta pelo P. Philippe Bettendorff, traduzida em lingoa geral e irregular, e vulgar uzada nesses tempos*. Biblioteca da Universidade de Coimbra, ms.1089.
- Anônimo (175- b). “Prosodia da lingoa” [dos Indios]. In: ANÔNIMO. *Dicionario da lingua falada por indios do Brasil, contendo no fim vários textos principalmente os anteriores escritos na mesma lingua*. Academia das ciências de Lisboa, ms., cota, MA no. 569.
- Anônimo (175- c). *Vocabulario da lingua Brazil*. Biblioteca Nacional de Portugal, Códice 3143.
- Anônimo (1756). *[Dicionário Português-Língua Geral e Língua Geral-Português]*. Stadtbibliothek / Stadtarchiv Trier, Alemanha, ms. 1136/2048 4°.
- Araújo, A. de (1618). *Catecismo na Lingoa Brasilica, no qual se contem a summa da doutrina christã. Com tudo o que pertence aos Mystérios de nossa sancta Fè & bõs custumes. Composto a modo de Dialogos por Padres Doctos, & bons linguas da Companhia de IESUS. Agora novamente concertado, ordenado, & acrescentado pello Padre Antonio d’Araujo Theologo, & lingoa da mesma Companhia*. Lisboa, Portugal: Pedro Crasbeeck.
- Araújo, A. de & Leam, B. de (1686). *Catecismo brasilico da doutrina christã, com o ceremonial dos sacramentos, & mais actos parochiaes. Composto por padres doutos da Companhia de Jesus, aperfeiçoado, e dado a luz pelo Padre Antonio de Araújo da mesma companhia. Emendado nesta segunda impressão Pelo Bertholameu de Leam da mesma companhia*. Lisboa, Portugal: Officina Miguel Deslandes.
- Barros, C. & Monserrat, R. (2012). Notas sobre um catecismo manuscrito na língua geral “vulgar” da Amazônia (século XVIII). In: C. A. Lagorio, M. C. Rosa, J. R. B. Freire (Ed.), *Política de línguas no Novo Mundo* (pp. 127-148). Rio de Janeiro, Brasil: EDUERJ.
- Barros, C. & Monserrat, R. (2015). Fontes manuscritas sobre a Língua Geral da Amazônia escritas por jesuítas “tapuitinga” (século XVIII). *Confluência*, Rio de Janeiro, Brasil, n. 49, p. 236-254.
- Barros, C. & Monserrat, R. (2016). Uma proposta de vernacularização da tradição discursiva jesuítica na língua geral da Amazônia em um catecismo manuscrito no século XVIII. In: S. D.-S. Sáenz. (Ed.), *La transmisión de conceptos cristianos a las lenguas amerindias* (pp. 269-288). Sankt Augustin, Alemanha: Academia Verlag.
- Bettendorff, J. F. (1687). *Compêndio da Doutrina Christã na Língua Portuguesa e Brasileira*. Lisboa, Portugal: Imprensa Miguel Deslandes.
- Daniel, J. (2004). *Tesouro descoberto no máximo rio Amazonas*. Volume 2. Rio de Janeiro, Brasil: Contraponto.

- Eckart, A. (1778). Litteratur. 5. Von den Sprachen in Brasilien, Specimen linguae brasilica vulgaris. In: C. G. von Murr (ed.), *Journal zur Kunstgeschichte und zurallgemeinen Litteratur*, Alemanha, tomo 6, pp. 197-211.
- Eckart, A. (1994) O Exemplário da língua corrente do Brasil [1778]. Tradução do latim de Carlos Antônio Kalil Tannus e Miguel Barbosa do Rosário. *Terceira Margem- Revista da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, Brasil, v. 2(2), pp. 176-180.
- Eckart, A. (2013). Aditamentos do Senhor Pe. Anselm Eckart, Ex-pregador da Companhia de Jesus na Capitania do Pará no Brasil, à “Descrição das Terras do Brasil” de Pedro Cudena e às “Notas à Sexta Contribuição de Lessing para a História e a Literatura, dos Tesouros da Biblioteca Ducal de Wolfenbüttel, Braunschweig, 1781, gr. 8^o” do Senhor Reitor Christian Leiste. In: Papavero, N. & Porro, Antonio (Ed.), *Anselm Eckart, S.J. e o Estado do Grão-Pará e Maranhão (1785)*. Belém, Brasil: Museu Paraense Emílio Goeldi.
- Fay, D. (1942). As cartas do P. David Fay e sua biografia. Tradução do húngaro e do latim por Paulo Ronai. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, Brasil vol. LXIV, pp.192-273.
- Fernández Arrillaga, I. & García Arenas, M. (2009). Dos caras de una misma expulsión: el destierro de los jesuitas portugueses y la reclusión de los misioneros alemanes. *Hispania Sacra*, Madrid, Espanha, LXI, 123, pp. 227-256.
- Figueira, L. (1621). *Arte da lingua brasilica*. Lisboa, Portugal: Manoel da Silva.
- Figueira, L. (1687). *Arte de grammatica da lingua brasílica*. Lisboa: Officina de Miguel Deslandes.
- Leite, S. (1949a). *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Tomo VIII. Rio de Janeiro, Brasil: Instituto Nacional do Livro / Lisboa, Portugal: Livraria Portugália.
- Leite, S. (1949b). *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Tomo IX. Rio de Janeiro, Brasil: Instituto Nacional do Livro / Lisboa, Portugal: Livraria Portugália.
- Mattos, Y. de (2012). Regimento das Missões do Estado do Maranhão e Grão-Pará, de 21 de dezembro de 1686: comentário. *7 Mares – Revista dos pós-graduandos em História Moderna da Universidade Federal Fluminense*, Rio de Janeiro, Brasil, n. 1, v. 1, pp. 112-123.
- Maxwell, K. (1996). *Marquês de Pombal: paradoxo do iluminismo*. Tradução de Antônio Pádua Danesi. 2^a ed. Rio de Janeiro, Brasil: Paz e Terra.
- Meier, J. & Aymoré, F. A. (2005). *Jesuiten aus Zentraleuropa in Portugiesisch- und Spanisch-America. Ein bio-bibliographisches Handbuch. Band 1: Brasilien (1618-1760)*. Münster, Alemanha: Aschendorff Verlag.
- Mendonça, M. C. de (2005). *A Amazônia na era pombalina: correspondência do Governador e Capitão-General do Estado do Grão-Pará e Maranhão, Francisco Xavier de Mendonça Furtado: 1751-1759*. 2^a ed. 3 Tomos. Brasília, Brasil: Senado Federal, Conselho Editorial.

- Monserrat, R., Barros, C. & Schmidt-Riese, R. (2017). Usos discursivos dos parênteses em um catecismo jesuítico na língua geral da Amazônia ([175-]). *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, Brasil, v. 25, pp. 85-110.
- Portugal (1758). *Directorio, que se deve observar nas povoaçoens dos indios do Pará, e Maranhão: em quanto Sua Magestade não mandar o contrario*. Lisboa, Portugal: Na Officina de Miguel Rodrigues, Impressor do Eminentíssimo Senhor Cardeal Patriarca.
- Prudente, G. C. P. (2017). *Entre índios e verbetes: a política linguística na Amazônia portuguesa e a produção de dicionários em língua geral por jesuítas centro-europeus (1720-1759)*. 189 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, Brasil, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia.
- Rosa, M. C. (1994). Um exemplo de descrição pedagógica no século XVIII: O Specimen linguae brasilicae vulgaris e a tradição jesuítica de ensino de segunda língua. *Terceira Margem - Revista da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v. 2 (2), pp.181-189.
- Santos, F. J. dos & Sampaio, P. M. M. (2008). 1755, ano da virada na Amazônia portuguesa. *Somanlu: Revista de Estudos Amazônicos*, Manaus, ano 8, n. 2, pp. 79-98.
- Wright, J. (2006). *Os jesuítas: missões, mitos e histórias*. Tradução de André Rocha. Rio de Janeiro: Relume Dumará.